

É SÓ BRINCADEIRA DE CRIANÇA? DISCUSSÕES SOBRE COOPERAÇÃO E COMPETIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO DE ESCOLARES

ES SÓ BRILLANTE DE NIÑO? DISCUSIONES SOBRE COOPERACIÓN Y COMPETICIÓN EN LA CONSTRUCCIÓN DE LAS RELACIONES DE GÉNERO DE ESCOLARES

IS IT JUST A CHILD'S PLAY? DISCUSSIONS ON COOPERATION AND COMPETITION IN THE CONSTRUCTION OF GENDER RELATIONS OF SCHOOLS

Danúbia Ângela SILVA¹
Rafaella Cristina CAMPOS²
Leandro Veloso SILVA³
Giuliano Roberto da SILVA⁴

RESUMO: Objetiva-se neste artigo identificar as formas de manifestações das relações de gênero de escolares a partir da prática da Educação Física. Optou-se pela metodologia qualitativa, com cunho de estudo de caso, com coleta de dados através de observação participante e análise por descrição reflexiva. Evidenciou-se que nas práticas esportivas escolares, a figura do/a professor/a pode estimular e desenvolver a cooperação ao mesmo tempo em que trabalha diversas situações de competição entre os/as alunos/as perante a proposta de uma aula/atividade mista (jogo de equipe) e ambos os gêneros feminino e masculino, apresentam reações diferentes nas ditas “situações do jogo”, tornando desafiador o papel da escola no sentido de tentar trabalhar com conceitos e construções no entorno das relações de gênero, situação em que os momentos de cooperação e também competição pode de certa forma, se constituir em uma possibilidade de se garantir a formação de cidadãos e cidadãs com sentimentos mais igualitários.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Competição. Cooperação. Escola.

RESUMEN: *Se objetiva en este artículo identificar las formas de manifestaciones de las relaciones de género de escolares a partir de la práctica de la Educación Física. Se optó por la metodología cualitativa, con cuño de estudio de caso, con recolección de datos a través de observación participante y análisis por descripción reflexiva. Se evidenció que en las prácticas*

¹ Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON), Lavras – MG - Brasil. E-mail: dan_silva134@yahoo.com.br

² Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS), Lavras – MG - Brasil. Doutoranda em Administração. Docente na Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON), Lavras – MG - Brasil. E-mail: rafaella_ccampos@hotmail.com

³ Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON) – Lavras – MG Brasil. Graduado em Educação Física. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) – Lavras – MG. Doutorando em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG. Docente na Faculdade Presbiteriana Gammon. E-mail: leandroveloso.gammon@gmail.com

⁴ Faculdade Presbiteriana Gammon (FAGAMMON) – Lavras – MG - Brasil. Doutor em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Docente na Faculdade Presbiteriana Gammon; Universidade José do Rosário Vellano; Centro Mineiro de Ensino Superior. ORCID: <<http://orcid.org/0000-0001-9578-5426>>. E-mail: giulumusc@gmail.com.

deportivas escolares, la figura del / la profesor / a puede estimular y desarrollar la cooperación al mismo tiempo en que trabaja diversas situaciones de competencia entre los / as alumnos / as ante la propuesta de una clase / actividad mixta el juego de equipo) y ambos géneros femenino y masculino, presentan reacciones diferentes en las referidas "situaciones del juego", haciendo desafiante el papel de la escuela en el sentido de intentar trabajar con conceptos y construcciones en el entorno de las relaciones de género, situación en que los momentos de cooperación y también competencia puede de cierta forma, constituirse en una posibilidad de garantizar la formación de ciudadanos y ciudadanas con sentimientos más igualitarios.

PALABRAS CLAVE: Relaciones de género. Competición. Cooperación. Escuela.

ABSTRACT: *The objective of this article is to identify the forms of manifestations of the gender relations of schoolchildren from the practice of Physical Education. We chose the qualitative methodology, with a case study, with data collection through participant observation and analysis by reflective description. It was evidenced that in the school sports practices, the teacher can stimulate and develop the cooperation, while at the same time working on different situations of competition between the students before the proposal of a mixed lesson / activity (team game), and both genders, both female and male, present different reactions in the so-called "game situations", making the school's role challenging to try to work with concepts and constructions in the context of gender relations, a situation in which moments of cooperation and also competition can, in a certain way, constitute a possibility of guaranteeing the formation of citizens with more egalitarian feelings.*

KEYWORDS: Gender. Competition. Cooperation. School.

Introdução

Em virtude das experiências e vivência em estágios curriculares, verifica-se que a atual condição da Educação Física Escolar tange questões relacionadas ao comportamento competitivo e cooperativo dos/as participantes das aulas. Analisando os fatores da reação do/a aluno/a perante as situações de jogos, principalmente quando são mistos (participação feminina e masculina), há questões emergenciais como: contato, toque, liberdade, aceitação, tolerância e também intolerância compondo todo entorno das relações existentes entre o gênero masculino e feminino.

É comum que um/a ou mais alunos/as, mediante a estimulação de uma atividade mista e/ou de maior contato físico nas propostas das aulas de Educação Física Escolar, não participem efetivamente do começo ao fim. Podendo surgir justificativas relacionadas a não gostar da atividade, sentimento de algum tipo de dor, medo de errar e receber críticas e/ou direcionamentos, ou simplesmente por não se sentirem à vontade com o contato dos/as colegas numa relação constante entre cooperação e competição.

Para os/as escolares de Ensino Fundamental Básico, o equilíbrio entre a relação de cooperação e competição está em desenvolvimento, sendo assim, a prática da Educação Física perpassa da estimulação motora ao controle emocional. Para a criança, a escola e a Educação Física representam a entrada num espaço público de mediação social, ou seja, a criança passa a não só ser protegida como acontece na relação parental de costume, mas passa a ser desafiada pelas relações com os pares (professores/as e colegas e sala/turma).

As aulas de Educação Física Escolar devem ser ministradas para integrar e interagir meninos e meninas, estimulando o desafio social e pessoal do convívio com bases na equidade de gênero. A demanda do/a professor/a nesta situação é tanto na elaboração e planejamento das propostas, quanto na condução das atividades que irão estimular e garantir as relações de gênero de forma igualitária.

Não há, pelo menos na rede pública de Ensino Fundamental Básica, mais de um/a profissional destinados à condução e monitoramento da Educação Física, então se torna uma necessidade e quase obrigatoriedade, que esse/a profissional, conduza aulas que integrem meninos e meninas numa só prática conjunta. Concomitantemente, o/a professor/a deve assumir um papel de formador/a de cidadãos e cidadãs, e as atividades devem ser destinadas, mesmo que de forma subliminar, à integração igualitária entre meninos e meninas, daí a função de estimulação das relações de gênero que a Educação Física Escolar produz.

Mesmo com essa integração de forma autônoma proposta pela Educação Física Escolar, há casos na qual os/as alunos/as não associam as aulas com as situações de convivência cotidiana como a cooperação e/ou competição, ou seja, como um momento agradável e natural de desenvolvimento de habilidades que podem ajudar nos relacionamentos diários. A resistência dos/as escolares pode dificultar o desempenho e participação nas atividades, pois pode relacionar-se à educação parental e estimulação que os/as outros/as professores/as da Escola dão à prática da Educação Física, marcada pela construção patriarcal na qual a maior parte da nossa sociedade se constitui. Mesmo que a função no desenvolvimento das relações de gênero seja vital para existência da Educação Física Escolar, a representação de importância que pais e outros/as professores/as dão a este momento podem influenciar no interesse dos/as alunos/as, mesmo com a determinação do/a Educador Físico Escolar.

A rivalidade entre o gênero masculino e feminino é uma construção social reproduzida como uma simples existência natural, até porque a demonstração espontânea de competição e cooperação entre meninos e meninas é distinta, tanto nas fases de aprendizagem quanto na suposta naturalização da superioridade do gênero masculino em detrimento ao feminino (influência da cultura). É difícil pensar em competitividade sem rivalidade, tendo em vista que o objetivo de atividades como os grandes jogos e gincanas é que alguém tem sempre que ser superior e ganhar. Nesse sentido, o trabalho a desenvolver-se pela Educação Física Escolar é garantir formas mais igualitárias de

convivência, evitando que a competitividade se torne fonte de rivalidade maliciosa e exclusão trazendo malefícios aos alunos e alunas.

Tendo em vista os desafios das práticas dos/as professores/ras de Educação Física Escolar e os multi-fatores que compõe sócio culturalmente as relações de gênero, pergunta-se: entre os/as escolares, participantes e praticantes de Educação Física, a manifestação de competição e/ou cooperação ocorre pela execução da atividade proposta ou pela disputa que pode surgir entre o gênero masculino e feminino?

Justifica-se a execução desse trabalho a partir de sua contribuição prática, que pretende trazer uma ampla visão da responsabilidade do ambiente da Escola e do/a profissional de Educação Física no que diz respeito à construção das relações de gênero em suas similaridades e diferenças. A contribuição para o estado da arte prevê que será fundamentada uma discussão empírica a respeito da autonomia e da influência da construção das relações de gênero por profissionais de Educação Física.

O objetivo principal deste artigo é identificar a estimulação e a espontaneidade das relações de gênero de escolares a partir da prática da Educação Física, tendo como moderador/a de observação as situações surgidas na experimentação dos grandes jogos e/ou gincanas (por instaurar e entrelaçar naturalmente as relações de cooperação e competição).

Referencial Teórico

Cooperação e Competição na Prática da Atividade Física e Esportes: Nuances e Dicotomias

Os conceitos cooperação e competição estão em sua essência ligados à matemática e na possibilidade de se utilizar estratégia, e foram “importados” para as nossas verificações para oportunizar as compreensões das relações sociais que se estabelecem. As situações de competição e/ou cooperação são em conceito excludentes, mas em prática complementares, principalmente quando levamos em conta as práticas esportivas. Isso ocorre porque o ser humano tem necessidade de auto-afirmação, portanto compete, mas estando num ambiente coletivo onde a busca pela afirmação é de um grupo, há necessidade eminente de interação, portanto coopera (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013).

A cooperação e a competição são compostas das mesmas características, formando um mesmo fenômeno relacional, dependendo de seus contextos e dos valores adaptados a cada tipo de ação para que desta forma haja evidência de um ou de outro. Ou seja, cooperação e competição são coexistentes, a prevalência de manifestação de um ou de outro é dependente das relações do grupo e da construção individual. Os processos de socialização e canalização de interação, que regem a construção das

relações de cooperação e competição, são considerados, a partir de uma visão sociocultural construtivista, valores socioculturais. Percebe-se então que são fatores passíveis de aprendizagem, dominação e estimulação (PALMIERI; BRANCO, 2004).

No ambiente escolar, estas relações são traduzidas em todos os momentos sociais interativos dos/as escolares, mas o esporte e as práticas de atividades físicas proporcionam desafios (físicos e mentais), que espontaneamente promovem confronto e interatividade, fazendo com que os/as escolares coloquem em evidência suas construções individuais em detrimento dos interesses coletivos e estimulação não parental (MACHADO *et al.*, 2007).

Os grandes jogos e esportes são conhecidos como estimuladores de confrontos, tanto pela natureza da prática, que mesmo em atividades coletivas há interesses individuais, mas também pela força bruta exercida pelos jogadores, que desestabiliza o raciocínio relacional para focar no desempenho e performance pessoal, mesmo que os resultados, positivos e/ou negativos, impactem no grupo (LOVISOLO; BORGES; MUNIZ, 2013).

Neste sentido, há dicotomia entre as relações de competição e cooperação que em tese são complementares, mas estimulam a diferenciação entre os/as participantes de uma mesma atividade, inclusive na prática de atividades físicas e esportes. A competição pode levar ao comportamento agressivo ao passo que a cooperação pode levar ao comportamento passivo, mas nenhuma destas duas possibilidades efetiva o equilíbrio entre o ganho pessoal e comum ao grupo que a cerne a estratégica da cooperação e que a competição propõem (FERNANDES; ELALI, 2008).

Competição e cooperação devem coexistir promovendo equilíbrio e espaço de convívio organizado. Competir e cooperar se fazem necessários. Cooperação pode ser um caminho para a competição, como os jogos coletivos, e a competição é um caminho pra cooperação, havendo necessidade de apoio ao outro para maior ganho, individual e coletivo (SANCHES; RUBIO, 2011).

A competição e a cooperação são ensinadas e aprendidas, mas estão no cerne das relações sociais, ambas têm um ponto em comum, nunca se separam e não existe cooperação sem competição, os dois estão ligados a um só interesse. Tendo em vista as práticas desportivas, destaca-se que as relações de competição e cooperação são coexistentes num grupo e numa prática coletiva, mas há nuances quando nos referimos aos mesmos numa dinâmica de gênero. Há discussões e compreensões acerca das manifestações de competição e cooperação nas amplas formas de relações sociais, mas ainda há integração de gênero, proposta e necessária em práticas desportivas, especialmente as competitivas (as disputas, e os grandes jogos, por exemplo) (AGUIAR; DUARTE, 2005)

As relações de gênero nas práticas desportivas: construções e manifestações

Gênero é um conceito erroneamente aplicado como sinônimo de sexo. Sexo restringe-se ao objetivo de explicitar a nomeação genital de macho e fêmea, compondo um arcabouço para o corpo apenas biologicamente. Gênero é bem mais que isso, bem mais que o corpo biológico, refere-se à representação social, ou seja, gênero não está ligado à apenas fatores fisiológicos e biológicos, mas sim à identificação com universo masculino e feminino, com as masculinidades e as feminilidades. Gênero é o que uma cultura estabelece em relação a homens e mulheres deixando em destaque o caráter social das diferenças sexuais não desprezando as diferenças biológicas que existe entre eles (BRITO; SANTOS, 2013).

Foca-se nas questões de gênero nas práticas desportivas, especificamente os estereótipos e papéis sexuais e a atribuição sócio cultural destinadas aos praticantes de atividades mistas e separada por sexo (DEVIDE *et al.*, 2011).

O/a profissional de Educação Física tem uma formação seccionada quando se fala na identificação e construção de gênero porque quando são empregadas as diferenças de gênero nas atividades propostas nas aulas de Educação Física os/as professores/as acabam protegendo as crianças das diferenças relevantes entre o gênero masculino e feminino nas práticas esportivas (MACIEL; CAMPOS; FARIA; PERRONI, 2013).

Nas práticas esportivas, mesmo podendo ser individuais há relações sociais estabelecidas. No convívio entre meninos e meninas é comum vermos situações de conflitos, negação e até mesmo exclusão entre eles/as, mas também se nota, que diante da pratica esportiva essas questões ao redor do gênero pode ser um fator determinante para construção e constituição das equipes, e que tanto as meninos quanto as meninas que são considerados mais fracas e menos habilidosas passam pela experiência da exclusão ou da participação mais limitada durante a execução dessas atividades, situação advinda das formas tradicionais e dicotômicas que constroem e constituem o contexto social de cada um/a.

Nesse sentido, um dos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais de ensino é fazer com que os/as alunos/as se tornem capazes de, participar de atividades corporais, estabelecendo relações saudáveis e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais (BRASIL, 1997).

Metodologia

A natureza metodológica deste trabalho se constituiu com bases qualitativas para interpretação da realidade experimentada, sendo um tipo de pesquisa realizada para avaliar aspectos não quantitativos e não mesuráveis as questões levantadas. A pesquisa qualitativa visa descrição e discussão de um fenômeno, a fim de compreender suas manifestações e ocorrências de acordo com sua qualidade não com sua frequência (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Os sujeitos da pesquisa consistiram em 60 (sessenta) alunos/as sendo 36 (trinta e seis) meninos e 24 (vinte e quatro) meninas. Se tratando de uma pesquisa qualitativa, os sujeitos têm distribuição de gênero (fundamental para a pesquisa) não amostral. Todos os/as alunos/as estavam matriculados em duas turmas do sexto ano do Ensino Fundamental, com a faixa etária entre 12 (doze) a 13 (treze) anos, pois as relações de gênero, competição e cooperação são emergentes nesta faixa etária.

O professor de Educação Física, que lecionava para ambas as turmas, também fez parte da amostra. A interação com os/as alunos/as (individualmente e coletivamente) e a didática de aula foi levada em conta no intuito de contribuir para a obtenção dos objetivos da pesquisa.

O contexto sócio histórico da Escola Pública selecionada também foi levado em conta na observação participante, caso houvesse fatores que contribuíssem para responder aos questionamentos deste trabalho.

A coleta de dados realizou-se através da técnica de observação participante, que envolve investir uma quantidade prolongada de tempo na situação em foco tendo em vista a resolução das perguntas e dos objetivos da pesquisa. A observação participante tem como característica principal a observação direta do fenômeno estudado com autonomia do pesquisador de intervir por meio de perguntas aos envolvidos na observação caso se faça necessário (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Na observação participante foi registrado o comportamento dos/as alunos/as nos grandes jogos e práticas esportivas durante as aulas, e os artifícios utilizados pelo professor de Educação Física na condução da aula, afim de responder os objetivos propostos. Optou-se por observação participante de grandes jogos e/ou gincanas porque a manifestação de cooperação e competição é mais evidente e necessária para a condução da atividade, bem como a integralidade das relações de gênero.

A análise de dados foi feita por meio da técnica de descrição reflexiva. Esta técnica visa relatar de forma descritiva os fenômenos observados que respondam aos objetivos da pesquisa, elucidados por uma reflexão que parte do pesquisador. Ou seja, é uma técnica que mescla a observação direta do fenômeno estudado e a construção conceitual e prática provenientes das experiências do pesquisador,

com embasamento no referencial teórico que constrói a pesquisa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Resultados e discussão

De acordo com a metodologia aplicada na coleta de dados, verifica-se 2 (dois) momentos propícios para secção da análise de dados.

O primeiro momento trata de todos os fatores que, espontaneamente ou estimulados, promoveram cooperação de gênero nas práticas dos grandes jogos na Educação Física Escolar.

Percebeu-se inicialmente que o professor de Educação Física sabe o que é construção de gênero e entende as diferenças entre eles com base nos exercícios propostos por ele desde o aquecimento até o grande jogo, podendo notar-se que um dos objetivos que ele tenta trabalhar é estimular a cooperação.

Os/as alunos/as diante de uma aula mista, onde ambos os meninos e meninas tem que se relacionar e participar, a princípio houve sempre uma negação desses/as alunos/as em participar efetivamente das propostas de aula, mesmo o professor incentivando até mesmo vamos dizer forçando, em grande maioria das vezes os/as alunos/as não demonstram sinal nenhum de cooperação principalmente por parte dos meninos, já as meninas se mostram um pouco mais cooperativas com elas próprias.

A escola demonstra ter uma atitude em suas disciplinas principalmente nas aulas de Educação Física, pois o cenário da Educação Física é um lugar onde pode se estabelecer contato, espaço propício para se trabalhar com as questões de gênero e incentivar o convívio entre meninos e meninas de forma saudável, mesmo que haja uma resistência grande por parte dos alunos e alunas.

Nesse sentido, os jogos cooperativos têm um importante papel de modificar o comportamento e desempenho educacional dos/as alunos/as por possibilitar um convívio e contato, pautados em igualdade simultânea, embasada no espírito de equipe para obtenção de um resultado comum. O desenvolvimento intelectual geral do/a aluno/a é muito importante e necessário, e deve abranger os aspectos físicos, emocionais, garantindo uma formação consciente, social e democrática.

O segundo momento trata de todos os fatores que, espontaneamente ou estimulados, promoveram competição de gênero nas práticas dos grandes jogos na Educação Física.

Percebeu-se inicialmente que o professor de Educação Física, observado, tentou trabalhar a cooperação, mas ao mesmo tempo, acabou trabalhando também características que reforçam a competição.

Os/as alunos/as diante da competição se comportaram de maneiras diferentes, meninas são mais calmas e não parecem ligar para competição, já os meninos se transformam, tornando-se agressivos, grosseiros e até hostis.

A escola não é a favor e nem contra, pois da mesma forma que a competição pode causar brigas e intrigas ela também pode servir de certa forma, para construir um caráter aguerrido e determinado, qualidades esperadas na formação de cidadãos e cidadãs.

Conclui-se parcialmente então, que quando se refere à competição de gênero nas práticas de grandes jogos na Educação Física Escolar, há espontaneidade quando a competição é dada entre meninos e/ou entre as meninas, mas quando se misturam meninos e meninas em uma mesma situação de competição, um gênero acaba tentando superar o outro, como se pudessem estabelecer uma suposta supremacia.

Neste estudo foram analisadas as reações de meninos e meninas perante aos jogos de equipe nas aulas de Educação Física da Educação Básica, em uma Escola Pública, analisando se há, ou não cooperação ou competição entre o gênero masculino e feminino, essa análise foi feita através de observação participante, e composta por 60 alunos/as de duas turmas diferentes onde predominava o gênero masculino.

A maior parte da observação foi realizada no local onde acontecem as aulas de Educação Física, mas o comportamento dos meninos e meninas começou a ser observado, desde a saída da sala de aula até o local da aula de Educação Física. As duas turmas tinham aula nos dois primeiros horários na segunda e quarta-feira, mesmo a Educação Física sendo no primeiro horário os/as alunos/as não iam sozinhos/as para quadra, havia sido previamente combinado pelo professor de Educação Física, que os/as alunos/as fossem primeiramente para sala de aula, onde seria realizada a chamada e as orientações iniciais, além dos combinados gerais como (não gritar), pois como a quadra era perto de outras salas de aula, muito barulho, podia atrapalhar o andamento da escola.

Os/as alunos/as saíam da sala acompanhados/as pelo professor e iam direto para a quadra onde realizavam as atividades propostas

No primeiro dia de observação já era evidente a separação que se estabelecia entre o gênero masculino e feminino, as meninas sempre juntas formando um grande grupo e os meninos separados em pequenos grupos, já com a bola na mão. Ao chegar a quadra as meninas sentavam-se na arquibancada e os meninos começavam “brincando de futebol”, brincadeira que não tinha nada a ver com a proposta de atividade do dia, mais durante essa simples brincadeira de “chutar bola” os meninos já mostravam comportamento hostil, usando palavras brutas com os colegas. Ao sinal do professor começava a aula, um breve apito e os meninos rapidamente iam para a quadra, já as meninas

mostravam um pouco de desânimo. O professor deixava a critério dos/as alunos/as, a divisão das equipes e novamente foi evidente a separação entre meninos e meninas.

Segundo Souza e Altmann (1999), a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física dificulta a relação de um gênero com outro, instiga a existência de conflitos, exclusões e determina a evidência de diferenças entre as pessoas, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas.

Um dos objetivos do trabalho consistiu em avaliar os elementos que promovem relações de cooperação de gênero (entre meninos e meninas), logo foi proposto para as turmas um ‘mini vôlei’ para estabelecer um trabalho em equipe. Foi pedido que formassem duplas, como a escolha das duplas não foi realizada pelo professor, meninos e meninas não se uniram, e no decorrer do jogo as meninas se mostraram tranquilas e cooperativas umas com as outras, já os meninos ficaram inquietos e não mostraram espírito cooperativo. Com essa realidade experimentada, notou-se que as meninas se sentem acudadas perto dos meninos, pois os meninos não são compreensivos perante as dificuldades e erros acontecidos seja com elas ou com o colega do mesmo gênero.

A diferença de desempenho dos/as alunos/as não ocorre exclusivamente com o sexo feminino mais existe uma grande predominância (BRITO; SANTOS, 2013).

Os meninos sempre se mostraram superiores perante as meninas, pois mesmo que eles estejam errados (trapaceando no jogo), elas tinham medo de se manifestar. O professor os/as incentivava a todo tempo, pois no decorrer da aula as meninas já se mostravam desanimadas. Uma outra situação observada é que alguns/as alunos/as não participavam das aulas, e diante disso foi perguntado a um dos alunos da primeira turma, o motivo de sua não participação na aula e por quê estava sentado na arquibancada com o fone no ouvido, ele respondeu que estava com dor de cabeça, e foi surpreendido com a afirmativa: você está com dor de cabeça e escutando música? Ele simplesmente olhou e sorriu. Não foi notada nenhuma intervenção na hora, quanto a este fato, pelo professor. A cooperação quando aconteceu, foi praticamente igual nas duas turmas, as meninas mesmo com medo e sendo as vezes, agredidas verbalmente, se mostraram mais cooperativas entre si, já os meninos mostram não ter nenhuma inclinação a cooperação.

Outro objetivo, o qual era analisar os elementos que promovem relações de competição de gênero (entre o gênero masculino e feminino). Em questão de competição as meninas são mais tranquilas, enquanto os meninos são socialmente mais competitivos.

A competitividade é uma característica que está nítida nas reações dos meninos nas aulas, evidenciando-se como uma construção cultural de gestos e atividades tradicionais do comportamento masculino (BRITO; SANTOS, 2013).

Na hora do grande jogo a escolha do time novamente foi a critério dos/as alunos/as e os times já estavam praticamente definidos time dos meninos e time das meninas, em uma das turmas alguns dos meninos não quiseram jogar, e mesmo faltando gente para completar o time dos meninos eles preferiram não jogar a completar o time com meninas que estavam de fora. As meninas não se importaram, pois elas também não queriam fazer parte do time dos meninos, pois elas relataram com gestos e resmungos para o professor, que os meninos eram “competitivos, grossos e não respeitavam os erros das colegas”, mais com a intervenção do professor e com muito custo, as meninas se juntaram aos meninos, na execução do jogo.

A agressão verbal era frequente, a reação perante o erro por parte dos meninos era constante, enquanto as meninas se querem encostavam-se à bola por medo de errarem e os meninos totalmente competitivos as intimidassem com gritos e chacotas.

A competição por parte dos meninos era total em ambas as turmas, os meninos não aceitavam perder, e por isso não aceitavam os erros das colegas e até mesmo dos colegas mais fracos e/ou menos habilidosos.

No final das aulas os/as alunos/as sempre voltavam para a sala e era realizada uma rápida conversa com algumas perguntas, para que se evidenciasse qual tinha sido o objetivo da aula, se esse objetivo havia sido cumprido, e o que se constatou foi que sempre se estabelecia reclamações entre a separação estabelecida entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

Ao final das observações dos comportamentos, houve ainda o relato do professor, relatando que as turmas por serem pequenas eram até calmas, mas sempre tinha uma prevalência dos meninos sobre umas meninas, e que os meninos não cooperam nas atividades e são mesmos, mais agitados e grosseiros perante o jogo, já as meninas mais compreensivas e cooperativas, e com relação aos meninos, se sentem pressionadas e com medo. Quanto a separação das equipes, ele relata que sempre acontece daquela forma, “livre escolha” dos/as participantes, e que já tentou mudar isso, mas não deu certo pois “parece que a separação é automática e vem de casa”.

Foi perguntado também que atitude era tomada quando um/a aluno/a não queria participar das aulas, e foi respondido que muitos inventavam que estavam doentes ou sentindo algo, e que quanto a isso, não era feito nada, porque não tem como saber a verdade. Em outras situações mais específicas, era realizado um encaminhamento à secretaria, e se a farsa fosse constatada e descoberta, o/a aluno/a perdia parte dos pontos de participação da disciplina.

Diante da realidade observada, pode-se constatar que durante as aulas, perante a um jogo de equipe, as duas salas tiveram o mesmo comportamento, meninos e meninas sempre se separavam e mesmo tendo uma convivência diária se agrediram verbalmente e até fisicamente, ficando evidente que os meninos são os que menos respeitam e não aceitam o “jeito” das meninas, muitas vezes motivo

de xingamentos e chacotas. Quando o jogo parece se “tratar de menininha” na concepção de muitos meninos (machistas) devido à reprodução cultural e social onde se constituíram, muitos se sentem ofendidos, pois acham que a Educação Física é lugar de jogar bola. Já as meninas, quando se trata de jogar com os meninos se sentem acuadas e com medo, não se sentem à vontade por serem meninas, acabando por utilizarem o refúgio de inventarem “dores” para não participar da aula.

Considerações finais

As questões de gênero mostraram-se ser difícil de conduzir e trabalhar, principalmente, na escolha e estrutura das aulas de Educação Física, pois uma evidente separação social e cultural entre meninos e meninas é eminente e não muito fácil de ser controlada. Cada gênero, masculino e feminino, apresenta comportamentos diferentes diante de uma situação de jogo de equipe, o que evidencia também as situações de conflitos nas relações de gênero.

Notou-se que ambos o gênero masculino e o feminino, tem a mesma opinião sobre a divisão e participação dos/nos jogos, onde ambos concordam que tem “jogo de menina” e “jogo de meninos”, e mesmo que a escola, e diretamente a disciplina de Educação Física, por evidenciar a construção de corpos em movimento, estejam trabalhando e tentando mudar essa realidade, ainda é uma grande desafio aos profissionais da área.

Apesar dos conflitos eminentes e incessantes, a competição e a cooperação que são ensinadas e aprendidas, podem estar no cerne das relações sociais, e possibilitar mudanças comportamentais, pois ambas têm pontos em comum e nunca se separam, pois não existe cooperação sem competição e vice-versa, tudo se interliga nos mesmos interesses.

Neste sentido, as aulas de Educação Física não podem ser consideradas como algo somente lúdico, pois não é só brincadeira, a proposta das aulas de Educação Física deve considerar também sua função psicopedagógica na formação dos sujeitos, e reconstruir conceitos a partir de suas vivências e reflexão entre saberes e prática.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J. S.; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Bras. Ed Esporte**, v. 11, n. 2, p. 223–240, 2005.

BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidade na educação física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/ exclusão. **Revista Bras. Ed Física Esporte**, v. 27, n. 2, p. 235–246, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; SANT CLAIR, E.; NERY, A. Estudo de gênero na educação física Brasileira. **Revista Motriz**, 2011. v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011.

FERNANDES, O. S.; ELALI, G. A. Reflexões sobre o comportamento infantil em um pátio escolar: O que aprendemos observando as atividades das crianças. **Revista Paidéia**, v. 18, n. 39, p. 41-52, 2008.

LOVISOLO, H. R.; BORGES, C. N. F.; MUNIZ, I. B. Competição e Cooperação: na procura do equilíbrio. **Revista Brasileira Ciência e Esporte**, v. 35, n. 1, p. 129-143, 2013.

MACHADO, P. X.; BORGES, V. C.; AGILIO, D. D. D.; KOLLER, S. H. O impacto de um projeto de educação pelo esporte no desenvolvimento infantil. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar (ABRAPEE)**, v. 11, n. 1, p. 51-62, 2007.

MACIEL, L. H. R.; CAMPOS, R. C.; FARIA, M.; PERRONI, R. P. Gênero e formação em educação física escolar: um estudo exploratório. **Revista VSinad simpósio nacional de administração**, v. 1, n. 2, p. 1-17, 2013.

PALMIERI, M. W. A.; BRANCO, A. U. Cooperação, competição e individualismo em uma perspectiva sociocultural construtivista. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 2, p. 189-198, 2004.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-842, 2011.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

Como citar este artigo:

SILVA, Danúbia Ângela *et al.* É só brincadeira de criança? Discussões sobre cooperação e competição na construção das relações de gênero de escolares. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 3, p. 1111-1123, jul./set., 2019. e-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riace.v14i3.10990

Data de Submissão: 30/01/2018

Revisões requeridas: 20/06/2018

Aceite em: 19/11/2018

Publicado em: 10/05/2019